

## Imagos parentais em crianças agressivas [através da aplicação do CAT(A)] (\*)

MARIA PAULA MOREIRA (\*\*)

O objectivo deste estudo centrou-se na análise das imagos parentais, em crianças no período de latência e consideradas como agressivas. Para tal, a técnica utilizada foi a versão animal do CAT.

Relativamente à abordagem teórica, importa referir que nos baseámos nos modelos psicodinâmicos, mais concretamente, em S. Freud e em M. Klein.

Para constituirmos a população deste estudo começámos por determinar quais os comportamentos que deveriam ser considerados como agressivos. Para tal, fez-se uma observação livre, com o objectivo de procurar elaborar uma lista de comportamentos agressivos, o mais completa que fosse possível e que traduzisse objectivamente as formas com que a agressividade se poderia apresentar, neste meio.

A partir da lista dos comportamentos que foram registados, elaborou-se uma grelha de observação com um espaço para a «Agressividade Física», outro para a «Agressividade Deslocada» e um outro para a «Agressividade Verbal».

Depois de elaborada esta grelha, as observações foram feitas somente em crianças de sete anos, de ambos os sexos; observações essas a partir das quais se achou, posteriormente, o total de comportamentos agressivos para cada criança, calculando-se então, quais os que estavam mais próximos da média (12 comportamentos agressivos, registados no total das observações), para, a partir daí, constituirmos os dois grupos — 10 Agressivos (4 rapazes/6 raparigas) e 9 Não Agressivos (5 rapazes/4 raparigas).

Depois de termos aplicado o CAT(A) a todas as crianças, passámos à análise de cada um dos protocolos. Esta análise começou por ser feita para cada uma das crianças, ao nível do conteúdo manifesto e do conteúdo latente, quanto aos afectos, relações e forma como foram caracterizadas as personagens que apareciam nas histórias. Numa segunda fase, foi feita a análise por grupos, onde se seguiu o mesmo método que foi utilizado para a análise individual e em que foram agrupadas, para cada Cartão, todas as histórias contadas pelas crianças que fossem do mesmo grupo.

Tendo em conta o campo teórico em que situámos o nosso estudo, elaborámos hipóteses, nas quais, nos centrámos para a aná-

---

(\*) Monografia realizada sob orientação da Dr.<sup>a</sup> Ângela Vila-Real, no ano lectivo de 1985/86.

(\*\*) Aluna no ISPA.

lise dos protocolos e discussão dos resultados; hipóteses, essas, que passamos a explicitar.

Hipótese I — O grupo das crianças «Agressivas» apresenta imagos parentais que se caracterizam mais por qualidades negativas sendo, em consequência disso, referidas, no CAT(A), como ameaçadoras ou agressivas e inseridas em relações que são mais marcadas por afectos negativos. O grupo das crianças «Não agressivas» refere imagos parentais com características mais positivas e inseridas em relações também mais positivas, caracterizadas por uma maior harmonia, no sentido de, implicitamente, despertarem uma maior segurança na criança.

Hipótese II — As imagos parentais das crianças «Agressivas» não estão tão bem integradas como as das crianças «Não agressivas» e apresentam características mais arcaicas, próprias de fases anteriores do desenvolvimento.

Hipótese III — As crianças «Agressivas» possuem um tipo de agressividade mais aberto (agressividade física e manifesta) do que as crianças «Não agressivas», onde predomina a agressividade latente e verbal ou deslocada, razão pela qual esperamos encontrar, no grupo das crianças «Não agressivas», maiores dificuldades em expressar a agressividade, independentemente do nível (latente ou manifesto) em que surge a sua expressão.

A partir dos resultados obtidos, neste estudo, concluímos que as crianças «Não Agressivas» evidenciam fortes tendências para a ambivalência, havendo já uma melhor integração dos objectos persecutórios e ideais, o que consequentemente leva à diminuição da agressividade e a um melhor controle dessa mesma agressividade, o que faz com que diminua também a angústia. Todos estes aspectos levam a que estas crianças tenham menos medo da agressividade que, por isso, tendem a expressar manifestamente, ao nível da fantasia, com maior frequência.

Portanto, parece-nos correcto concluir que, neste grupo, o mundo exterior é visto já como menos ameaçador e de forma mais próxima do real, com a presença dominante de afectos positivos e também com uma interferência cada vez menor do fantasma e consequentemente, das angústias persecutórias. Por todos estes motivos, as imagos parentais, neste grupo, aparecem melhor integradas e portanto, associadas a qualidades com características mais positivas do que as das crianças «Agressivas».

Assim, podemos concluir que as crianças «Não agressivas» evidenciam possuir uma melhor relação com o mundo exterior, mas também com o seu mundo interno, condições essas que são essenciais para o processo de socialização, no qual aparecem melhor inseridas.

Em contrapartida, nas crianças «Agressivas» parece existir uma maior interferência do fantasma, ao nível do funcionamento psíquico, que se liga à maior intensidade da agressividade e que faz com que esta seja controlada de forma deficiente. Por outro lado, este controle deficiente da agressividade intensifica a existência de fantasmas destrutivos que, como se constatou, aparecem frequentemente associados a relações, ao nível fantasmático, com características libidinais que tendem a desencadear, nestas crianças, tendências regressivas.

A este propósito, importa salientar que, apesar de este grupo evidenciar, como é óbvio, fortes tendências agressivas, relativamente aos seus comportamentos exteriorizados, são elas que, ao nível da fantasia, tendem a evidenciar sinais indicadores de agressividade, essencialmente ao nível do conteúdo latente. Pensamos que isto acontece porque, para estas crianças, a realidade surge mais como assustadora, devido à existência de angústias persecutórias, relacionadas com a maior intensidade da agressividade que, deste modo, procuram não expressar de forma manifesta, ao nível da fantasia, para evitarem a angústia que daí poderia advir.

Portanto, relacionado com todos estes aspectos referidos, está o facto de as imagos parentais aparecerem como ameaçadoras e serem integradas com grandes dificuldades.

Assim, podemos concluir que, se as imagos parentais são vistas como ameaçadoras, estas crianças tendem, provavelmente, a viver as relações com os outros como sendo também ameaçadoras, já que as imagos determinam bastante a forma como é apreendida a realidade, o que desencadeia nelas a agressividade, objectivada em comportamentos. Portanto, as crianças «Agressivas» possuem um tipo de imagos parentais, próprio de fases anteriores do desenvolvimento, o que vem salientar as dificuldades destas crianças, ao nível do processo de socialização e consequentemente, ao nível das suas relações com o mundo exterior; dificuldades essas que intensificam ainda mais a agressividade.

Assim, no que respeita às hipóteses estabelecidas, concluímos que tanto a hipótese

I, como a II se confirmaram, neste estudo; ao contrário da hipótese III que, depois do que já foi exposto, facilmente se verifica que não se confirmou.

Pensamos que um esclarecimento mais completo destas diferenças registadas entre os dois grupos se poderia obter através de estudos em que se fizesse uma comparação entre sexos, segundo o mesmo tipo de análise por nós seguido; ou, em que se fizesse uma análise das modalidades defensivas utilizadas por cada grupo e em que estas modalidades fossem relacionadas com os tipos de agressividade, predominantes em cada um dos grupos, ao nível dos comportamentos; ou, ainda, em que se fizesse uma comparação entre as crianças agressivas e outras que se caracterizassem pela inibição, ao nível dos comportamentos, a fim de percebermos se haverá algum tipo de relação entre a qualidade das imagos de cada um dos grupos e o medo que estes dois tipos de crianças evidenciam.